

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 05	p. 49-62	2002	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	----------	------	----------------

## **Uma leitura da identidade e da socialidade do adolescente no livro *Nossa rua tem um problema* de Ricardo Azevedo**

Ana Arlinda de Oliveira (UFMT)

**ABSTRACT:** In this paper, I present one of the possible readings of the book for teenagers *Nossa rua tem um problema* (*Our street has a problem*) by Ricardo de Azevedo, which focuses on the issue of identity and sociability of teenagers. Both verbal and non-verbal aspects are analyzed.

**KEY WORDS:** youth literature, reading, ethical and aesthetic function of art.

### **1. Introdução**

O que pretendo neste texto é apresentar uma das possíveis leituras do livro de literatura infanto-juvenil *Nossa rua tem um problema* de Ricardo Azevedo, privilegiando aspectos da identidade e da socialidade

Segundo Ricardo Azevedo, o autor (e no caso de Ricardo, também ilustrador), *quando oferece sua visão de um determinado texto, (...) revela toda a sua criatividade, sua técnica, seu corpo de idéias e sua visão de mundo, dando ao leitor a riqueza do seu imaginário* (1993: 47).

Sendo portador de um imaginário, o autor se nutre de um outro, de um coletivo, por ser ele social e histórico. Ele é produtor de cultura e, como tal, produz uma de suas manifestações, que é a literatura.

Toda obra literária apresenta em seu conteúdo uma visão de mundo, ou seja, um conjunto de idéias sobre o próprio mundo, os homens, as sociedades, as coisas materiais e imateriais, assim

como uma gama de atitudes, posturas, sentimentos, crenças e desejos (Bragatto Filho, 1995:26).

Da mesma forma, a criança que lê é capaz de, através da Literatura Infantil, exprimir emoções, podendo *sentir e sofrer por outro, e isso é indispensável à aferição da sensibilidade, concorrendo para a penetração autêntica no universo do livro* (Sandroni e Machado, 1987:32).

Um livro bem escrito, mesmo que não tenha como objetivo ensinar, sempre acrescenta conhecimentos ao leitor. Ler é básico para o progresso da aprendizagem de qualquer assunto, desde que o leitor encontre motivação para essa atividade e, se motive ao encontrar um livro que satisfaça o livre voo da imaginação.

Como afirma Duborgel (1992:29), *o livro é um convite a uma certa viagem do conhecimento*. Através da Literatura Infantil, podemos conhecer outros tempos e lugares, ter acesso a culturas diferentes da nossa. Um dos papéis da Literatura Infantil, na visão de Abramovich (1994:17), *é suscitar o imaginário, ter a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas e encontrar outras idéias para solucionar questões*.

A Literatura Infantil, como a entende Cademartori (1991:19), propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança, promovendo, nesta convivência com textos literários, a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico. Muito embora a Literatura Infantil esteja no âmbito da linguagem, formam-se aí outras tantas teias de muito significado, pois através dela é possível o leitor imaginar, sonhar, emocionar-se, reagir, interrogar acerca das questões existenciais e sociais.

Ler para adquirir o hábito de leitura é apenas uma pequena parte do significado que esta prática tem para a vida das pessoas. Em se tratando de literatura, o que comanda é a fruição, o estranhamento.

Os textos literários devem ser postos à disposição da criança antes mesmo da fase inicial da escolarização, para que ela possa construir sua história de leitura, pois no processo de leiturização *as leituras já feitas por um leitor compõem a história*

*desse leitor (...) e podem alargar ou restringir a compreensão por um dado leitor.*(Orlandi, 1993:43)

## **2. O autor e o livro**

O autor, sobre o qual pretendo fazer algumas reflexões, é Ricardo José Duff Azevedo, premiado por inúmeras obras da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira, entre elas: O Leão Adamastor (1981), O Homem no Sótão (1982), A Casa de meu Avô (1986), Alguma Coisa (1988), este último, Prêmio Jabuti em 1989. Outros prêmios que o autor recebeu foram: Prêmio Bienal Noroeste, Bienal de São Paulo, Menção Especial Bratislava.

Ricardo Azevedo formou-se em Artes Plásticas (Comunicação Visual) pela FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado. Sua vida profissional esteve ligada por vários anos ao setor publicitário, período em que escreveu e ilustrou textos. Para ele, *há coisas que só se consegue contar usando palavras, e outras que só se pode contar desenhando*. Escreve e ilustra livros infanto-juvenis desde 1984. Segundo o autor, na obra literária, *o texto pode dar-se ao luxo de voar, de ser prolixo, introspectivo, inventar palavras, de ser poético, simbólico, emocional, mágico, ambíguo*. (Azevedo,1993:47)

O livro *Nossa rua tem um problema*, com texto e ilustrações de Ricardo Azevedo, foi publicado pela primeira vez em 1986. A 6ª edição de 1997 foi revista e ampliada, sendo publicada pela Editora Ática.

## **3. O tema**

*Nossa rua tem um problema* contém um texto em forma de diário, semelhante àqueles que o adolescente gosta de produzir. A trama se desenvolve a partir de narrativas do cotidiano, na visão de dois adolescentes que moram na mesma rua. O contexto, portanto, é urbano.

A cada dia, Zuza e Clarabel vão registrando, em seus diários, os acontecimentos da turma, relações entre vizinhança, as

impressões sobre os pais e os amigos. Cada um dos dois personagens apresenta sua própria versão acerca dos mesmos acontecimentos que são narrados em 1ª pessoa, através do uso do discurso direto.

Ricardo Azevedo soube captar (talvez lembrar) todo um jeito adolescente de materializar, através da escrita em diário, situações de conflito, tensões, traumas interiores e desejos. O diário, para o adolescente, é o suporte para a liberação de sentimentos, relato de aventuras e desventuras e registro de sua visão de mundo. Afinal, qualquer adolescente que se preze tem seus “segredos de alcova”.

O autor soube retratar a identidade e a socialidade do viver adolescente, com riqueza de detalhes. Há um entrecruzamento das narrativas dos dois personagens no livro, ou seja, quando lemos as passagens escritas por Clarabel, obrigatoriamente nos reportamos às de Zuza e vice-versa.

O tema abordado por Ricardo Azevedo neste livro enquadra-se no modelo emancipatório, como propõe Zilberman citado por Faria (1991:132), pois o autor, ao tecer a trama recusa a intermediação dos pais na relação entre a criança e a realidade. Aliás, as crianças-personagens tomam atitudes de enfrentamento dos problemas que lhes são colocados pelos adultos. No entendimento de Sandroni e Machado,

*as histórias favoritas de crianças de diversas idades refletem os conflitos emocionais e as fantasias particulares que elas experimentam em diversos momentos da vida. Lendo, a criança se identifica com esta ou aquela personagem, numa situação semelhante a alguma já vivida, e isto pode ajudá-la a resolver seus problemas.*  
(Sandroni e Machado, 1987:11)

Para Faria (1991:132), *o modelo emancipatório pode ser encontrado tanto no nível da fantasia como se instalar em plena realidade.*

Não se percebe no texto nem nas imagens, algo que possa demonstrar preconceitos ou estereótipos. Ricardo soube dosar o plano da realidade com o da fantasia.

Na página 3 do diário de Zuza, logo no início do diálogo com seu diário, o menino denuncia que o problema da rua é o Chico, porque há entre ele e seu pai um problema de relacionamento, já que o pai, por ser um tipo autoritário, não permite que o filho conviva com as crianças que brincam na rua.

Um certo exasperamento demonstrado (página 3) coloca o personagem Chico como se fosse *um prisioneiro de guerra. Um pistoleiro assassino desses que vivem atrás das grades*. Enfrentando a fúria do pai do Chico, sempre zangado, a turma se une (página 11), cria coragem e vai falar com ele. Apesar de toda a cisma, as crianças conseguem uma mudança significativa no comportamento do pai do garoto, cujos princípios rígidos cerceiam a liberdade dos filhos.

Na figura do pai de Chico, todos os outros pais que assim agem são denunciados. Vejamos este monólogo na página 3: *O pai dele é daqueles que não deixa ninguém botar o nariz pra fora de casa...(.) não pode...não pode...(.) nem pensar. Nunca pode nada*. A gravata borboleta do pai do garoto, retratada no diário, representa a sisudez, as normas rígidas e antiquadas. Porém, no universo psicológico familiar de Chico, apesar de “engomado” e “certinho,” esconde alguém que não leva desaforo para casa. No diário de Clarabel (página 7), podemos comprovar isso: *...agora me vinguei. ...eu pego o esguicho, faço mira e molho mesmo. É um sarro*.

Para Zuza, Clarabel é vista como *... aquela quatro-olhos que vive jogando água na gente com o esguicho só para encher*. Os outros pais são vistos como *mais ou menos* (página 6), ou *Pai é um negócio fogo*, porque cada pai impõe suas regras e suas broncas. No texto (página 6 e 7), fica bem claro a “zona de conflito” que se estabelece entre pais e adolescentes: os primeiros puxando as rédeas, os segundos em busca de liberdade, do situar-se como pessoas.

Esse é o tempo em que o adolescente quer mesmo se emancipar da instituição familiar, mantendo, porém, os laços afetivos. Na fase adolescente, os pais vão deixando de ser modelos, e a criança, em suas leituras, vai buscar os heróis com os quais passa a se identificar.

Escrever para crianças e adolescentes exige vocabulário adequado em nível do leitor e ainda é preciso considerar que toda a arquitetura do livro deve preencher as necessidades estéticas e a fantasia que as crianças têm nessa faixa de idade. Segundo o Catálogo de Ilustradores da FNLIJ,

*Do ponto de vista semiológico, dois códigos de expressão - palavra e imagem - possuem regras próprias; mas quando se combinam no livro infantil ou juvenil, passam a oferecer uma outra dimensão no objeto livro. Este, quando visto a partir da ótica da ilustração, adquire uma perspectiva mais totalizante quanto à articulação das diversas partes que o compõem. (FNLIJ, 1989:13)*

Ricardo Azevedo retrata o viver em grupo, espaço em que o adolescente se sente entre pessoas que têm os mesmos problemas. Isso vai dando ao adolescente forças para indagar, contestar, divergir de tudo o que é proposto pela família e também o impulsiona na busca de sua autonomia, o que nem sempre é compreendido pelos pais. Os pais aos poucos vão perdendo acesso ao mundo social do adolescente, pois este escapa sempre que pode ao controle e às normas estabelecidas pela família (Oliveira, 1994:84).

É esse sentimento compartilhado de forma intensa, afetuosa que concorre para que os membros do grupo cheguem a sentir-se como “uma família”, a praticamente, *excluir os adultos e proteger-se contra a coerção que os adultos são propensos a usar* (Ausubel, 1980:396).

Nesse contexto, o livro *Nossa rua tem um problema* apresenta a rua como um território em que os adolescentes podem usufruir de um estado de liberdade, onde solidariedade orgânica e ajuda mútua vão estabelecendo a circulação do afeto. Ao agruparem-se, tomarem de assalto espaços como a rua, os adolescentes formam aquilo que Maffesoli, citado por Oliveira (1994:82), chama de “tribo”, ou seja, é preciso não viver isolado, mas ter um cimento que faça a liga desse estar junto. É a comunidade que se agrega por sentimentos comuns, *pela cultura, pela comunicação, pelo lazer, pela moda* (Maffesoli, 1987: 115).

Na rua, a criançada vai construindo e vivendo a sociabilidade, o estar junto. Conforme afirma Perroti :

*a criança não é somente um simples organismo em mudança, uma quantidade de anos, ou um dado etário, mas que a criança é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage (...), que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele. (Perroti, 1982:12)*

Nesse sentido, o diário é para o adolescente o registro dessa trajetória, do aprendizado para viver a fase adulta. E o livro de Ricardo Azevedo, partindo da realidade, expressa literariamente o viver adolescente.

Para a menina, o que se coloca logo de início é que a rua tem um problema, não por causa do Chico como pensa o menino, mas por causa de *um bando de moleques que vive atazanando a vida da gente*. (página 3) Clarabel expõe um sentimento com relação ao confinamento do Chico: *Meu irmão bem que queria jogar com eles, só que eles detestam o Chico*. (página 5) No decorrer da trama se dissolve esse mal entendido, porque a turma quer tirar o Chico dessa situação, quer trazer o Chico para a rua.

O livro mostra, através dos escritos das personagens adolescentes, o relacionamento entre crianças e adultos e as idéias que perpassam a relação pais e filhos, amigos e vizinhos, que nem sempre acontece de maneira harmoniosa, principalmente numa fase em que, como na vida real, os personagens estão afirmando sua identidade.

Todo o cotidiano da rua é revelado através das brincadeiras e traquinices, da relação entre pessoas, bichos e objetos, e o modo como vão se desenvolvendo as relações de amizade, como, por exemplo, entre Clarabel e Adriana: *“A gente gosta das mesmas músicas, dos mesmos livros, das mesmas roupas, das mesmas brincadeiras”*.

As questões de gênero são expostas na página 10, na relação entre a menina e os meninos: *“Odeio esses moleques de rua”*, ou na relação com o futebol, que é *“esporte de menino”*,

mostrado na página 15: *tem muita canelada (...) suja toda a roupa da gente.*

Nessa fase da vida, a convivência entre meninos e meninas tem lá suas complicações em termos de amabilidades. À medida que vão sendo lidas as pequenas narrativas diárias, entremeadas ao texto central, percebe-se que os conflitos vão se ajeitando na convivência (página 15): *Agora, a turma arranjou uma bola de vôlei e está brincando todo mundo junto, menos quando eles jogam futebol porque, desculpe muito, mas futebol tem muita canelada e ainda por cima suja toda a roupa da gente!*

Esse é o espírito adolescente que Ricardo Azevedo tão bem soube captar. O autor retrata um estado psicossocial de ser adolescente. Por isso, é possível afirmar que este livro, por suas características, vai interessar a uma faixa de idade a partir dos 9 anos e para um leitor que já tem uma certa fluência de leitura, porque o texto foge ao convencional.

#### **4. O projeto gráfico**

*Nossa rua tem um problema* é uma brochura com 32 páginas - sendo que cada um dos personagens principais (Zuza e Clarabel) ocupa 14 páginas. O livro, em formato que se aproxima do quadrado, mede, aproximadamente, 21,5X 19 cm. E

traz um estilo originalíssimo quanto à sua apresentação. Com uma diagramação diferenciada, começa pelos dois lados: basta dar uma virada de 180° e teremos outro começo de história.

Na capa, as letras, em negrito, estão em caracteres de imprensa. O título está escrito em negro, e o nome do autor, numa tonalidade de azul claro, vêm com uma cercadura vermelha em fundo branco.

As capas (já que o livro pode ser lido dos dois lados) foram elaboradas de forma diferente. O lado que se identifica com figuras do universo feminino apresenta fundo da capa na cor creme estampada com pequeninas flores vermelhas, amarelas, azuis com folhinhas verdes e ainda bolinhas que se espalham por toda a página, criando, dessa forma, um ambiente de transparência. As figuras maiores vazadas acolhem em seu



interior, as pequenas figurinhas, tão a gosto de Ricardo Azevedo. Destacam-se entre elas um coração, uma casinha, uma árvore, a palavra “eu” em negrito (muito sintomática, pois se trata de um diário escrito na 1ª pessoa e, além disso, porque as atitudes adolescentes, nesta fase, são de centramento em si), a palavra múmia (um xingamento comum no repertório do adolescente) e a indefectível borboleta, uma constante nas obras de Ricardo Azevedo. Aliás, no livro *Nossa rua tem um problema*, em quase todas as páginas, deparamos com borboletas de tamanhos e formatos variados.

Na capa que identifica a figura masculina, o tratamento ao título é o mesmo, mas o fundo é uma estampa mesclada por tons verdes, azuis, pretos e beges. Sobrepõem a essa estampa os desenhos vazados do jogo da velha, o distintivo de um time de futebol, uma carinha sapeca de guri, novamente a palavra “eu”, só que em vermelho, o desenho simplificado de uma silhueta de criança e a palavra Anta, também um xingamento que, pelo aspecto semântico, está mais ligado ao vocabulário do adolescente masculino.

Para a estampa de fundo das capas, foi usado papel de parede. As capas não antecipam o conteúdo do livro, é preciso folhear seu interior, porque este seduz muito mais o leitor do que apenas olhar as capas.

A página central apresenta ilustrações que sintetizam o sentimento e a identidade de ser menino ou menina e a ilustração mostra a mão do menino segurando o diário da menina e vice-versa.

As datas em que os diários foram escritos estão em negrito de imprensa minúscula, em tamanho bastante ampliado, e o corpo do texto foi impresso em letras bem legíveis. Estão inseridos no meio do texto principal pequenos textos escritos com letras menores, como se fossem observações ou descrições de certos objetos ou fotos de pessoas. Isso, porém, não interfere na leitura, pois pela forma diferente como está estruturada, a obra retrata de maneira realística como os adolescentes vão colocando suas observações no diário.

A numeração é bastante original, pois os números da página ora estão acima, ora abaixo, de repente aparecem à direita

ou à esquerda, ou ainda no meio da página. Os números parecem flutuar na página, pois a idéia é de que nem sempre estão “a prumo”.

A técnica usada para ilustrar o livro é a mista: nas ilustrações, foram usados a aquarela, lápis de cor para alguns detalhes, e para as datas, a tinta nanquim.

As cores das ilustrações têm tons que variam do mais vivo para os tons pastéis. De modo geral, os personagens e objetos são contornados por linhas de traço mais ou menos grosso nos vários tons do marrom. Dessa maneira, fica mais evidenciada a cor em toda a superfície do desenho e não no contorno.

A página da esquerda do diário do menino traz uma faixa azul na parte superior, e na direita, uma faixa rosa na parte inferior. É usado esse mesmo recurso, mas ao contrário na parte do diário da menina.

Ricardo Azevedo retrata o diário adolescente com todos aqueles intervalos entre textos escritos diariamente, aonde o adolescente vai pregando bilhetinhos, cola adesivos, papel de bala, fotos de amigos queridos, artistas, paqueras, tudo como motivo para relembrar algo que deixou marcas profundas.

No livro *Nossa rua tem um problema*, pequenos desenhos povoam amplamente o espaço do papel: pequenas borboletas (sempre presentes ao longo de muitas obras de Azevedo), plantas, flores, sorvetes, balões, pipas, recadinhos pregados com durex, estrelas, corações e notas musicais. Esses objetos, voando pela página, povoam e estimulam o imaginário do leitor.

Como diz Camargo (1995:74), *Todos nós nos cercamos de objetos com várias funções: utilitárias, afetivas, lúdicas, estéticas, intelectuais* e esses objetos visualizam nossos interesses. Cada objeto que Ricardo Azevedo coloca em suas páginas tem uma função simbólica na adolescência, pois são objetos do universo adolescente.

É interessante notar que todos os pequeninos textos que vêm entremeados no texto maior são muito bem humorado e trazem particularidades de personagens que não fazem parte do texto central. São pequenos comentários sobre objetos e pessoas como o que aparece, por exemplo, no diário de Clarabel ao lado da ilustração de um par de óculos de aros finos bem no estilo jovem

(página 8): *antigamente eu odiava usar óculos mas agora acostumei*, ou, ao lado do desenho do tênis (página 8) *o tênis novinho em folha que eu ganhei da vovó no dia do meu aniversário*.

Percebe-se nas ilustrações de Ricardo Azevedo que as cores, embora vivas, não ferem os olhos do leitor (são cores bastante luminosas). Apesar de as imagens serem chapadas, todos os detalhes ilustrativos estimulam a imaginação. Quanto ao enquadramento, as ilustrações mesclam-se entre o close, o plano médio e o plano geral.

Este não é um livro que se possa chamar de convencional, mas um livro de vanguarda pela sua originalidade.

As ilustrações de Ricardo Azevedo são cheias de humor e *nonsense*. As ilustrações, no livro *Nossa rua tem um problema*, se relacionam com o texto de forma divertida. Mesmo sem precisar explicar o conteúdo do texto, elas acabam proporcionando ao leitor vários significados que permitem extrapolar o texto. As personagens são caricatas e esse modo de expressão dá alegria à página impressa. Vejamos alguns exemplos.

Na página 6 do diário de Zuza, temos a imagem do tio Samuca, chamado de “louco de pedra”; na página 8, dona Odete humaniza seu cachorro; na página 10, os pelinhos do nariz do pai de Clarabel são vistos em close e na página 11, é apresentado o *cooper* dos joviais genitores do Joca. Há figura mais meiga que o Zé Cheiroso, o mendigo em seu carrinho-casa, ou a imagem singela de seu Adelson, o jardineiro que parece reverenciar o jardim, na página 15 do diário de Clarabel?

As ilustrações de *Nossa rua tem um problema*, por expressarem valores morais e sociais, podem enquadrar-se no que Camargo (1995:35) chama de *função expressiva/ética*, em que é possível expressar emoção na postura, nos gestos e expressão facial das personagens.

Sandroni assim se expressa sobre a ilustração:

*A ilustração, por ser uma linguagem internacional, pode ser compreendida por qualquer povo. E é, sobretudo, uma forma de comunicação estética. A imagem confere ao livro, além do valor estético, o apoio. A pausa e a*

*oportunidade de devaneio, tão importante na leitura criadora, resultado da percepção única e individual, que faz com que uma pessoa nunca descreva o que lê exatamente como outra (Sandroni, 1987:28)*

Sem dúvida, o livro *Nossa rua tem um problema* envolve aqueles que o tomam para ler. Embora a obra seja permeada pela subjetividade do autor, podemos nela fazer inferências através do nosso imaginário. Neste sentido, a literatura se torna grandiosa porque cria a possibilidade de o leitor interagir com o texto e com as imagens, encontrando novos sentidos. Se se pode pedir algo à Literatura Infantil, é que ela provoque o leitor, que seja uma das vias para se compreender a realidade que nos envolve. É suficiente que o tema abordado e suas imagens sejam tão fascinantes que seduzam a criança ao primeiro olhar. Ao pontuar aquilo que julgo ser uma leitura possível do livro *Nossa rua tem um problema*, pretendi seduzir leitores para a fruição de sua leitura, tanto pela temática quanto pela forma como foi ilustrado.

## **5. Bibliografia**

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scipione, 1994.

AZEVEDO, Ricardo. *Nossa rua tem um problema*. São Paulo: Ática, 1997. (Ilustrações de Ricardo Azevedo).

\_\_\_\_\_. Pensando em ilustrações de livros. In: MARINHO, J. M., ALVES, M. L., DURAN, M. C. G. (Coord.), *Linguagem e linguagens*. São Paulo, FDE: 1993. Série Idéias, n.17.

BRAGATTO FILHO, Paulo. *Pela leitura Literária na Escola de 1º Grau*. São Paulo: Ática, 1995.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

DUBORGEL, Bruno. *Imaginário e Pedagogia*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. *Ilustradores brasileiros de Literatura Infantil e Juvenil*. Rio de Janeiro: Consultor, 1989.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. *A ilustração do livro infantil brasileiro contemporâneo*. São Paulo, 1991 (mimeo).

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo na sociedade de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MOSTRA DE ILUSTRADORES BRASILEIROS - *Brasil! A bright blend of colours. Feira do Livro Infantil - Bolonha: Ática FNLIJ*, 1995.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. *Entre o dito e o vivido: a sexualidade no cotidiano de dois grupos de escolares adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação/Universidade Federal de Mato Grosso, 1994.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993.

PERROTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

\_\_\_\_\_. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

SANDRONI, Laura e MACHADO, Luiz Raul. *A criança e o livro. Guia prático de estímulo à leitura*. São Paulo: Ática, 1987.

SERRA, Elizabeth D'Angelo, MACHADO, Luiz Raul e MIRANDA, Cláudia de. (orgs.) *O Livro para Crianças no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.